

ANALISTAS DIZEM QUE ECONOMIA BRASILEIRA  
DEMORA MAIS TEMPO PARA SE RECUPERAR

# EXEMPLO QUE VEM DO MÉXICO

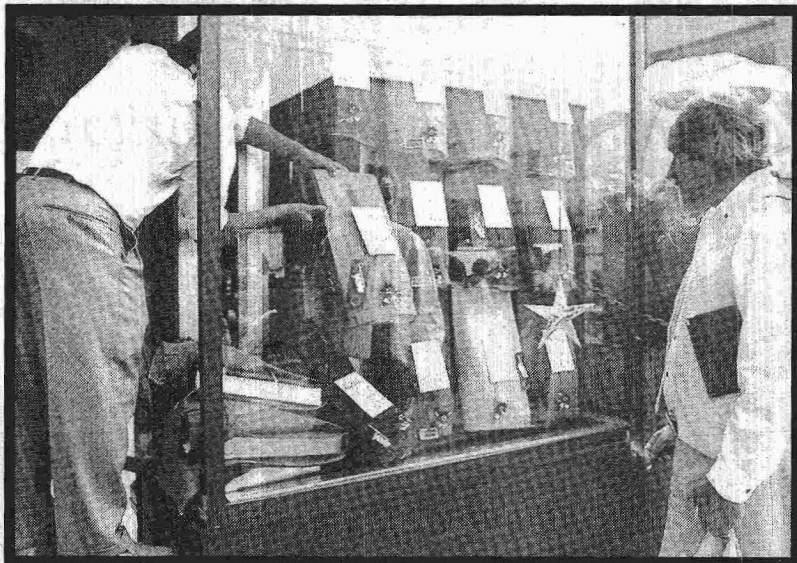
José Carlos Vieira  
Da equipe do **Correio**  
Com agências

Laura Cano/France Presse 23.12.94

**É** como diz o velho ditado: *Nunca diga, dessa água não beberei.* Em janeiro de 1995, poucas semanas depois de o governo mexicano desvalorizar o peso em 60% (15% numa tacada só no dia 21 de dezembro), as autoridades brasileiras fizeram questão de ressaltar que o México não é o Brasil. O então presidente do Banco Central, Gustavo Franco, depois de uma reunião com a equipe econômica e com o presidente Fernando Henrique Cardoso, chegou a dizer que os dois países só tinham em comum o fato de estarem no mesmo continente.

Dáí concluíram que o governo não alteraria sua política cambial, ou seja, o real não seria desvalorizado, pois isso teria efeito direto sobre a inflação. De 21 de dezembro de 1994, quando o recém-empossado presidente Ernesto Zedillo anunciou a maxidesvalorização do peso, até 13 de janeiro de 1999, dia em que o real perdeu quase 12% do seu valor diante do dólar, muita água passou debaixo da ponte.

Mas as semelhanças entre os dois episódios são significativas: Brasil e México atraíram grande volume de investimentos estrangeiros. Esse dinheiro serviu para pagar os compromissos externos. Com as sobras fez a festa da classe média,



**Inflação: preços dispararam depois da desvalorização do peso mexicano**

permitindo importações em grande quantidade de bens de consumo supérfluos, em detrimento do investimento no próprio país.

É claro que há grandes diferenças entre o México de 1994 e o Brasil de 1999. Por exemplo, as dívidas em dólar do consumidor e dos empresários mexicanos eram muito maiores do que as dos brasileiros. Quatro mil empresas fecharam as portas no primeiro mês depois da desvalorização do peso. Dos três milhões de mexicanos que usavam cartão de crédito internacional, 1,8 milhão estavam inadimplentes. No Brasil, a situação é um pouco diferente.

Um ano depois da desvalorização, o México amargava queda de

6,9% na atividade econômica; viu o desemprego quase dobrar de 3,7% para 6,3% e a inflação saltar de 6,9% para 43,5% ao ano. Mas o país deu a volta por cima. Em três anos, o Produto Interno Bruto (PIB) mexicano teve crescimento de 18%.

Segundo analistas, a recuperação brasileira não será tão rápida como a mexicana. Gary Hufbauer, do Instituto de Economia Internacional, em Washington, sustentou que o Brasil tem tudo para retomar o crescimento econômico mais rápido do que os países asiáticos. Depois da queda do real, o velho ditado deixa uma constatação: o Brasil bebeu da água que o México provou em 1994 e descobriu que ela é amarga.